

## O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E A (INTER)RELAÇÃO LIVRO DIDÁTICO E GÊNEROS TEXTUAIS

Monique Teixeira Crisóstomo (UENF)  
[monikebj@gmail.com](mailto:monikebj@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo evidenciar como o trabalho com os gêneros textuais, em sala de aula, sob uma perspectiva linguística, é produtivo e efetivo no processo de ensino-aprendizagem de língua materna e na aquisição da competência comunicativa pelos educandos. Para isto, foram analisadas algumas atividades de um livro didático aprovado pelo PNLD, do ano de 2015, para o Ensino Médio, a fim de verificar como se dá a abordagem dos gêneros nos manuais, visto que é um recurso pedagógico bastante utilizado pelo professor em sala de aula. Para fundamentar as discussões, utilizamos os pressupostos teóricos da Linguística Textual e de estudos sobre os livros didáticos de Língua Portuguesa, valendo-se de importantes estudiosos do tema, como: Marcushi (2008, 2010), Koch (2004), Rojo (2005), dentre outros.

#### Palavras-chave:

Ensino. Gêneros textuais. Livros didáticos.

### 1. *Considerações iniciais*

Na atualidade, muito ainda tem-se discutido sobre um ensino de Língua materna (LM) mais efetivo e produtivo, que não valorize apenas o aspecto formal da língua. O ensino de língua pautado nos gêneros textuais (GT) como elemento norteador tem sido considerado eficaz, tanto pelas políticas linguísticas quanto pelos documentos oficiais que subsidiam a educação de nosso país.

De acordo com os documentos oficiais que regem o ensino de LM, verifica-se que, a partir dos anos 80, houve um maior questionamento ao ensino tradicional, principalmente no que se refere ao ensino relacionado ao texto e à importância que a escola possui para que os educandos desenvolvam competências e habilidades linguísticas.

Nessa perspectiva, acompanhamos os novos debates surgidos em direção a uma reconfiguração do ensino de língua materna, a partir do que a legislação e os documentos oficiais passaram a contemplar, evidenciando a urgência de mudanças no ensino de leitura e de produção de textos, passando a serem orientados através da abordagem dos gêneros textuais.

Toda essa discussão vem sendo debatida com mais veemência a partir da implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1998, mesmo assim, ainda há uma dificuldade em se trabalhar com os gêneros textuais de forma produtiva nas aulas de língua materna. Sabemos que a maioria dos educadores acredita trabalhar de forma eficaz com os GT em suas aulas, no entanto, a abordagem realizada ainda se dá de forma prescritiva, em que apenas o aspecto formal desses GT é valorizado, deixando de privilegiar a sua funcionalidade.

Desse modo, ao se trabalhar com os gêneros textuais nas aulas de LM, o principal apoio do educador é o livro didático (LD), que, embora já apresente bastantes gêneros em sua estrutura, ainda o faz de forma tradicional, priorizando o trabalho de reconhecimento da estrutura desses GT e não da funcionalidade por eles estabelecidas.

## **2. Afinal, o que são gêneros textuais?**

Ao se falar em gêneros textuais, conseqüentemente nos referimos às noções de língua e linguagem, uma vez que a concepção destes termos implica na maneira de se pensar um ensino de língua materna mais crítico e reflexivo. Logo, não se pode tratar de gêneros textuais sem abordar as concepções de texto e discurso. São diversas as áreas das ciências que promovem estudos referentes a esses conceitos. Algumas delas concebem-nos como termos distintos e outras como equivalentes. Trataremos os dois termos como objetos diferentes, no entanto interligados no funcionamento da língua.

O texto é considerado uma estrutura concreta, que se realiza materialmente por meio de um determinado gênero textual, já o discurso caracteriza-se como uma realização concreta do texto, ou seja, ele é o uso da palavra em atos de comunicação.

Para Marcuschi (2010),

(...) deve-se ter o cuidado de não confundir texto e discurso como se fossem a mesma coisa. Embora haja muita discussão a esse respeito, pode-se dizer que *texto* é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. *Discurso* é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. Em outros termos, os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas. Os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas. (MAR-

CUSCHI, 2010, p. 25)

Percebe-se que é através do texto que se chega ao discurso, sendo por meio da linguagem e da realidade social do ser humano que se dá o discurso. Logo, quando há interação através da linguagem, significa que uma atividade discursiva é realizada.

Vale ressaltar que o texto está sempre em diálogo com outros textos, pois resulta de uma atividade discursiva e, segundo Nicolau (2012, p. 82), “se organiza em função de suas intenções comunicativas dentro de um determinado gênero, tipos relativamente estáveis de enunciados historicamente determinado”. Sendo assim, o texto deve ser a unidade de encontro nas práticas dos processos do ensino de língua, uma vez que é “produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e os outros textos que o compõem. O homem é visto como um texto que constrói textos” (PCN, 1998, p. 18).

É importante salientar que é impossível nos comunicar verbalmente que não seja por um gênero textual e, conseqüentemente, por um texto. Percebe-se que os GT compõem-se como ações sociodiscursivas para que, assim, possam agir sobre o mundo e dizer sobre ele (MARCUSHI, 2010). O uso dos gêneros está ligado à utilização da língua nas suas mais diversas formas, ou seja, nas suas mais variadas construções emergentes do cotidiano. Logo, os gêneros surgem das ações sociais e culturais de uma dada comunidade linguística e, conforme a necessidade de comunicação de seus usuários, variam, juntamente com a língua, tornando-se heterogêneos.

Assim, ao nos comunicarmos, estamos sempre utilizando um determinado gênero textual, visto que eles fazem parte de todos os atos comunicativos de nosso cotidiano, servindo como instrumentos de comunicação e nos apoiando de acordo com nossas necessidades comunicativas.

É importante ressaltar que gênero e tipo textual são termos interligados, mas que possuem definições distintas. Tal distinção torna-se muito importante nos trabalhos com a produção e a compreensão textual. O tipo textual refere-se à sequência textual linguística em que o texto apresenta-se, constando de aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas. Já os gêneros textuais são enunciados produzidos em nossa comunicação diária, apresentando padrões sociocomunicativos caracterizados pela composição funcional.

Segundo Marcuschi (2010),

(a) Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

(b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2010, p. 23-4)

Há divergências quanto ao emprego dos termos gêneros do discurso ou gênero discursivo e gênero textual. Muitos autores os consideram como termos equivalentes, sinônimos e outros como termos diferentes. Para Marcuschi (2010), o importante não é estudar a distinção entre os termos, mas sim a relação existente entre eles. No entanto, para outros teóricos a diferença vai além da terminologia, baseando-se em uma diferença conceitual.

Ainda em consonância com Marcuschi (2010, p.19) os gêneros textuais

(...) caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 19)

Um fator que leva o surgimento de novos GT, a cada instante, é o avanço tecnológico, devido à intensidade com que fazemos uso dos recursos tecnológicos e a forma como eles interferem e influenciam em nossa comunicação, tornando-se necessário o surgimento de novos gêneros, e, também, o desaparecimento de outros.

### **3. Os gêneros textuais e os livros didáticos de língua portuguesa**

Até a década de 1950, segundo Bezerra (2010), os estudos de portu-

guês eram realizados nos manuais de gramáticas e os de literatura (somente através de textos literários) em antologias. Isso ocorria, pois as pessoas que tinham acesso à escola, assim como seus professores, pertenciam à classe média e alta, fazendo com que tivessem maior domínio em utilizar essa variedade da língua, pois possuíam um nível mais privilegiado de letramento.

A partir da década de 50, a escola começou a receber alunos de várias classes sociais, com variedades linguísticas diferentes das trabalhadas por ela, até então. Consequentemente, com a ampliação do número de alunos presentes nas escolas, houve, também, um aumento do número de docentes que não pertenciam à classe média e alta, que não possuíam conhecimentos mais profundos das normas gramaticais vinculadas ao padrão formal culto de seu idioma (BEZERRA, 2010). Mediante esse contexto, começam a surgir os livros didáticos, compostos por textos, parte gramatical e atividades, no intuito de preencher as “falhas” de conhecimentos tradicionais desses professores. Assim, a competência para preparar as aulas não seriam dos professores, mas sim dos autores dos livros didáticos.

Atualmente, o livro didático ainda é o recurso pedagógico mais utilizado pelo professor em suas aulas de língua materna (senão o único) e, por consequência, a principal fonte para trabalhar textos com os alunos. Percebemos que os LDs já passaram por muitas reformulações ao longo dos anos, no entanto, muitas dessas mudanças ocorreram de forma superficial, privilegiando, ainda, as atividades tradicionais.

O que se pretende, de acordo com as políticas linguísticas atuais, é realizar um trabalho com língua que gire em torno do texto, a fim de desenvolver as competências linguísticas e textuais dos alunos. Para isso, é imprescindível uma ampliação das variedades de textos a serem trabalhados nas escolas. O LD deveria ser um recurso a mais na prática pedagógica do docente e não o único instrumento a ser utilizado, uma vez que não supre todas as necessidades surgidas ao longo do processo da aprendizagem.

Para Marcushi (2000, p. 10), o problema já não é mais a ausência da abordagem do tema GT nos manuais didáticos ou na escola, e sim a forma como o conteúdo é explorado pelos educadores, não devendo perder a “concepção sócio-interativa da língua” e a noção de texto “enquanto fenômeno empiricamente realizado nos discursos cotidianos”. Explorar os GT na sala de aula é trabalhar com a língua em seu uso efetivo e das mais diversas formas, pois eles “são um artefato cultural importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade” (MARCUSHI,

2008, p. 149).

Foi a partir da elaboração dos PCN, com uma proposta de rever um ensino de língua mais voltado para as diversidades linguísticas, que os livros didáticos de Língua Portuguesa passaram a enfatizar mais o trabalho com os gêneros. Os LDs de Língua Portuguesa já contemplam bastante esse trabalho, porém, ainda estão presos aos gêneros que privilegiam a norma culta e, conseqüentemente, a linguagem e escrita padrão. Dessa maneira, cabe, mais uma vez, ao educador adequar as abordagens apresentadas pelos LDs no que tange esse conteúdo, adequando os gêneros à realidade de sua sala de aula e trabalhando, portanto, a leitura, produção textual, análise linguística e oralidade.

A oralidade é outro fator pouco abordado pelos manuais didáticos e um excelente trabalho com essa variedade pode ser realizado por meio dos gêneros textuais. O trabalho com os gêneros orais – recado, debates, entrevistas, entre outros – já é dominado pelos educandos e isso facilita muito o processo de ensino–aprendizagem. Assim, torna-se importante aproximar os gêneros textuais trabalhados na escola dos que os educandos têm contato em seu ambiente extraescolar, a fim de que percebam que já são conhecedores de sua própria língua e que há variedades diferentes de uso de um mesmo idioma.

Desse modo, os PCN (1998) abordam que o ensino de Língua Materna deve priorizar atividades que desenvolvam, nos alunos, a competência comunicativa, ampliando as várias maneiras de se trabalhar a linguagem. Ao expandir a competência comunicativa, torna possível que o educando saiba empregar adequadamente a língua em diversas situações de uso. Sendo assim, um dos meios de desenvolver e/ou ampliar esta competência comunicativa está no trabalho com os gêneros textuais.

No entanto, como o LD é uma das fontes mais utilizadas pelos professores em sala de aula, é importante que, ao fazer a escolha deste manual, privilegiem os livros que dão maior ênfase aos gêneros textuais, mais adequados à realidade de seus alunos e que abordem questões que levam a uma aquisição eficaz da competência linguística. É nesse sentido que Buzen e Rojo (2005) consideram que o LD pode ser estudado, também, como mais um gênero do discurso formado por vários outros gêneros intercalados compostos de enunciados. Assim, o próprio manual didático passa a ser um tipo de gênero a ser trabalhado pelo professor e a ser explorado na sala de aula.

Desta maneira, cabe ao educador ter a consciência de que nenhum LD conseguirá abranger todos os GT e que a maioria desses recursos pedagógicos valoriza mais os gêneros referentes à escrita, abordando de forma bem superficial os da oralidade (quando os trabalham). Percebe-se, também, que os LDS exploram muito mais o aspecto formal dos GT que o funcional, não priorizando a língua como uma prática social.

#### **4. Algumas considerações**

Diante das discussões e análises realizadas, percebemos que os gêneros textuais já ganharam mais espaço nas aulas de LM e nos livros didáticos de língua portuguesa, no entanto, a abordagem realizada, tanto pelos educadores como pelos manuais, ainda merecem passar por reformulações para que se atinjam os objetivos propostos para o ensino de língua materna. Todas essas respostas obtidas vão ao encontro da teoria desta pesquisa: o problema já não é mais a falta de abordagem do tema, mas a forma como ele é abordado nos manuais.

Assim, torna-se necessário que os educadores tenham a consciência de que o LD é apenas mais um recurso a ser utilizado em suas aulas, que nenhum será completo e suprirá as necessidades de seus educandos, nem abordará todos os GT existentes. Por meio dos GT, podemos realizar um melhor trabalho nas aulas de LM com os textos que circulam em nosso meio social, que fazem parte de nossa comunicação diária, fazendo com que seja necessário explorar muitos outros textos que não estão nos LDs, mas que estão no contexto sociocultural dos educandos.

Sendo assim, ainda há lacunas deixadas no ensino de LM, quanto ao trabalho com os gêneros textuais, em que ao valorizar as questões formais e estruturais ainda perpetuamos um ensino mecânico, descontextualizado e arraigado aos preceitos do ensino tradicional de língua portuguesa. O que se pretende não é apenas que os educandos reconheçam os diversos GT existentes, mas que saibam utilizá-los em suas mais diversas situações comunicativas, ampliando sua competência comunicativa.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua e contextos teórico-metodológicos. *In*: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Angela

Paiva; MACHADO, Anna Rachel (Orgs). *Gêneros textuais & ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1998.

BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96*. Brasília: 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Gêneros Textuais: o que são e como se classificam?* Recife: Mimeo, 2000.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 1. ed. 4. reimpr. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

NICOLAU, Roseane Batista Feitosa. *Gêneros textuais no livro didático de língua portuguesa*. João Pessoa: Ideia, 2012.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH (Orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.